

O NORDESTE NÃO É UM PROBLEMA DISTANTE, NÃO PERTENCE SÓ AO NORDESTINO, MAS É UM PROBLEMA NACIONAL, QUE TOCA A SENSIBILIDADE E O BRIO DE TODOS NÓS. (Discurso do Pres. Médici em Recife)



Exijo que se diga e se mostre sempre a verdade, por mais que ela nos doa. (Pres. Médici)

# A DEFESA

Apelo à imprensa para que aponte o que de bem e mal houver. (Pres. Médici)

3.ª FASE — Domingo, 21-6-1970 — N.º 531 — PROPRIÁ - Se.

NO ENCERRAMENTO DA XI ASSEMBLÉIA DA CNBB, OS BISPOS DO BRASIL PUBLICARAM IMPORTANTE DOCUMENTO PASTORAL -- VAMOS DIVULGAR NA ÍNTEGRA ESTE DOCUMENTO -- OS SUBTÍTULOS SÃO DA REDAÇÃO DE "A DEFESA"

## Uma Palavra Sincera

A XI Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil reuniu-se em Brasília, de 15 a 27 de maio de 1970. Uma vez mais, quisemos pesar, no convívio fraterno, como irmãos no Episcopado, as responsabilidades que nos incumbem como Pastores e orientadores da Igreja Católica no Brasil.

Vindos de todas as partes do País, sentimos presentes a nós e por nosso meio, os problemas, as angústias, as deficiências, mas também a vitalidade, as aspirações e as esperanças do Povo de Deus, que é a Igreja no Brasil inteiro.

Julgamos, então, no termo

de nossos trabalhos que, num sentido de comunhão, devíamos a este Povo que o Senhor nos confiou, uma comunicação que lhe permitisse, de algum modo, participar daquilo que, nestes dias, intensamente vivemos. Vários foram os assuntos tratados. Os que em seguida referimos ocuparam-nos, de modo particular, e contam en-

tre os que nos parecem, por sua índole, ou pelo tratamento que tiveram mais aptos e amadurecidos para uma comunicação.

Nós o fazemos com sinceridade e afeto, certos de que este documento pastoral contribuirá para a maior união de

todos nós, na comunhão da mesma fé, da esperança e do amor, uma fidelidade plena ao Senhor.

Com um só coração e uma só alma, os Bispos do Brasil querem testemunhar aqui a sua homenagem ao Santo Padre Paulo VI, por seu jubileu

de ouro de Ordenação Sacral. Nós o fazemos também na vigília do VIII Congresso Eucarístico Nacional, quando com o Povo de Deus, em Brasília, e com os que se juntarem, vindos de outros pontos do País, celebraremos "à memória do Senhor", sacrifício de união e sacramento da união.

## A Igreja Está em Crise?

Parece-nos oportuno abrir este documento Pastoral, trazendo uma palavra sobre a impressão profunda em pouco em todos os ambientes, conhecida com maior ou menor ênfase pelos meios de comunicação, guardada em silêncio no coração de muitos, experimentada por nós também no dia a dia de nossas vidas: a impressão de que a Igreja está em crise.

A perplexidade que se manifesta, hoje, tanto no mundo em face da Igreja, como no reio da nossa Igreja, é decorrência natural da transformação global por que passa o mundo a América Latina, o Brasil. Organismo vivo, e que se quer sempre mais disponível para servir e servir à realidade viva do homem em sua situação concreta, a Igreja não pode passar de largo, não

se pode desvincular do processo geral da mutação, sob pena de trair a razão mesma de sua existência. Por outro lado, sua transformação supõe sempre a integral e constante fidelidade àquilo que nela não se pode transformar. É esta tensão que lhe permite, por um lado, crescer na fé, sob a ação do Espírito Santo e, por outro, registrar, na crise, a limitação e a busca sincera dos homens que a integram.

Talvez seja até mesmo esta palavra — CRISE — uma das que mais se aplicam à presente realidade da Igreja. Termo de emprêgo fácil e múltipla acepção, ele só pode ser usado aqui, como vem sendo entendido no campo dos estudos da História e da Antropologia. De fato, só nesses níveis nos será possível enten-

der a crise que vive a Igreja, enquanto ela é também realidade humana e histórica. Sob este ângulo, crise é um modo de ser da História e um modo de pensar a História, entendida como marcha progressiva do espírito humano. Neste processo, de frente a nós, muitas vezes, com momentos nos quais uma radical confusão e uma desorientação existencial parece comandar os acontecimentos e pautar o comportamento dos homens. O quadro de nebulosidades, a escala de valores, a visão mesma do mundo, tudo parece perdido a sua vigência e não mais poder nortear a vida. É o momento da crise. É o trânsito todo especial que a define. Ao avançarmos então na vida e no tempo, parece que não nos acompanha

o mundo de nossas convicções, valores e soluções. Vive-se uma experiência de empasse. É isto propriamente a crise.

Nos mais diversos domínios da atuação do homem, esta é, hoje, uma das vivências mais imediatas e ineludíveis. O mundo, num sentido totalizante experimenta que está em crise. Se a Igreja, com os seus homens, suas estruturas e instituições, com a necessária vinculação ao tempo da expressão e formulação de muitos aspectos da verdade, permanecesse serena e inquestionável, em meio à tremenda crise que abala o mundo contemporâneo ela estaria, por certo, fora da História. Mas porque assim não é, ela registra a marcha do homem no tempo e passa também por uma destas transfor-

mações profundas, que nem é a primeira, nem será a última.

Não podemos esquecer que, se a Igreja, em sua dimensão terrena, como peregrina da História, está sujeita à crise, contudo, em sua dimensão divina, como portadora aos homens da verdade eterna do Cristo, ela não pode sofrer o abalo da crise atual. Haverá, é certa, uma explicitação progressiva desta verdade, jamais, porém, uma crise ou mudança desta mesma verdade.

É importante tê-lo presente para que o impacto das transformações na dimensão humana não nos faça esquecer a realidade divina da Igreja. É esta, aliás, que, de certo modo, permite balisar e orientar as necessárias transfor-

mações. É ela, sobretudo que nos alicerça a fé, a esperança e nos dá a certeza de que, em meio à procura sincera e humilde da Igreja hoje, o Senhor com ela permanece até o fim.

O Concílio Vaticano II é o testemunho mais lido do seu esforço presente e a passagem com a História que o mundo vive. Sob a luz do Espírito Santo, presente ao Papa no Colégio Episcopal mundial inteiro, amadureceram, ali, na reflexão na expressão, alguns aspectos que se achavam muito em gestação na crise. Outros, pelo contrário, tiveram, no Concílio um ponto de partida autorizado para serem pensados a sério, em contextos novos, que demandam também, novos elementos e formulações.

## É Urgente Formar a Comunidade Cristã

No contexto de crise e transformação descrito acima, situa-se, hoje, entre outros, o problema das vocações. A própria imagem do Bispo, do Sacerdote, do Religioso do Leigo e a configuração de suas funções num mundo em evolução acelerada, se por um lado retêm traços fundamentais e inquestionáveis, afirmados, uma vez mais, pelo Concílio Vaticano II, já não se deixa contudo definir em termos simples e de mera repetição do passado.

Toda vida responde a uma vocação (1). A partir do chamamento à santidade, radicada no Batismo, e vocação comum de todos, os dons e ministérios pessoais surgem

normalmente num clima de maior densidade de vida cristã (2). Temos certeza de que as vocações existem. Nem Deus falta à sua Igreja e ao seu Povo, nem cessará, em todas as idades, particularmente na juventude, a capacidade generosa de responder aos apelos do que merece o empenho de uma vida. O que hoje, porém se exige mais é a maturidade nas novas vocações, que elas desabrochem a partir de uma real educação e interiorização da fé, supunham notável capacidade de serviço e comunhão e se alicerces em opções esclarecidas, que encaminhem uma decisão livre, plenamente pessoal e solidamente fundamentada.

A pastoral vocacional apresenta-se como esforço de toda a comunidade cristã, reunida em torno do seu Bispo, para ajudar cada pessoa a encontrar seu lugar na multiplicidade de dons e ministérios (3). É o acabamento que dá sentido último ao empenho da promoção humana, evangelização e catequese. Seu ponto culminante está na opção vocacional, momento em que alguém, livre e conscientemente, assume seu lugar e sua tarefa, em resposta aos apelos de Deus. Assim, a pastoral vocacional é inerente a todas as linhas da Pastoral do Conjunto, desde que esta se oriente para a pessoa e seu crescimento na comunidade cristã.

Neste trabalho educativo básico, importa pôr em relevo a promoção da vida ao ritmo da idade, a evolução da pessoa, ao impacto das transformações e ao amadurecimento da fé. As diferentes vocações emergem da maturação pessoal comunitária, num clima intenso de adesão a Jesus Cristo e à sua Igreja, numa atuada sensibilidade ao serviço dos homens.

Formar a verdadeira comunidade cristã é aspiração urgente da Pastoral do Conjunto. Assim, se expressou também o Documento dos Presbíteros da XI Assembléia Geral da CNBB de 1969. É desejo de muitos pastores a diversificação dos mi-

nistérios e dons para atender a uma justa descentralização de tarefas e melhor atendimento às reais necessidades dos mais variados ambientes.

Evangelizadores, Catequistas, leigos engajados nas tarefas que lhes são próprias, religiosos, religiosos, diáconos, presbíteros e bispos, todos, a serviço da edificação do Corpo de Cristo, na medida da ajuda mútua e através de organismos adequados, responsabilizam-se, cada qual a seu modo, pelo crescimento do irmão na fé e na descoberta do seu ministério específico (4). É a pastoral vocacional operante na comunidade cristã em busca da santidade comum. A persuasão

do problema vocacional colocado nestes termos, se nota em várias Regiões e Dioceses. Alguns fizeram mesmo desta mensagem pastoral um constante, presença, todo o plano de atividades programadas.

Contudo, a plenitude de tal objetivo só pode ser conseguida através da persistente oração ao Senhor, a fim de que em operários, à sua mesa, mais variados e aguçados que lhe são mais necessários (5). É ainda, por prece, todos nós agradecemos e pedimos o crescimento, em fidelidade, queles que, por sua vida e testemunho são um centivo permanente nas novas vocações.

## A DEFESA

Boletim Informativo da Diocese de Propriá

PROPRIÁ — SERGIPE

### EDITORIAL

## TUDO ISSO TEM DE COMEÇAR A MUDAR

Para os Nordestinos o discurso pronunciado pelo Presidente Médici, ao término da reunião do Conselho da SUDENE foi o mais importante que ele fez até agora. Sua voz calma, firme, comovida, traduzia segurança e estarrecimento. Estarrecimento pelo que vira pessoalmente, quando de seu contato com o povo sofrido de uma região da área atingida pela estiagem. Segurança, perante a execução de um programa urgente, que não seja mais um paliativo, ou que vise apenas o desenvolvimento de grupos, mas que faça mudar, de uma vez para sempre, o panorama angustiante do Nordeste. Suas palavras candentes dispensam comentários. Suas frases contêm toda uma doutrina de uma reforma social nossa, de uma democracia social, em que a participação seja de todos. Vamos transcrever algumas para a reflexão dos nossos leitores:

"Vim ver a seca de 70, e vi o sofrimento e a miséria de sempre. Agradeço a Deus a inspiração de fazer esta viagem de emergência... Vim ver e vi. Vi o Nordeste de dentro... Vi a paisagem árida, as plantações perdidas, os lugarejos mortos. Vi as frentes de trabalho, feitas só para assistir o homem. Vi os postos de alistamento dessas mesmas frentes, com multidões famintas, angustiadas, esperando a sua vez. Vi o homem. Falei a esse flagelado. Vi seus farrapos... Vi homens comendo só feijão e farinha, sem tempero e sem sal. E dizer-se que vi isso em terras de salinas. Vi o sofrimento de homens moços... Vi crianças desassistidas ao longo do caminho...

Mas vi em toda a parte dos sertões por onde andei, o espírito de religiosidade, a resignação, a bondade, o apêgo à família. Vi a esperança, apesar de tudo, e a fortaleza moral daquela gente sofrida. E sei que muito mais não vi... Não vi as famílias flageladas que ficaram longe e sem forças, que não vieram buscar a esperança distante...

Nada em toda a minha vida me chocou assim e tanto me fez emocionar e desafiar minha vontade.

Forçoso é que se diga que o quadro que vimos não é o quadro que devemos ver, quaisquer que sejam as desventuras, as calamidades e as inclemências da natureza. Forçoso é que nenhum de nós se conforme com essa triste realidade. E, se tudo isso vi, é preciso que eu diga que houve também quem me aconselhasse a que não viesse ver. É preciso dizer também que vi quem lamentasse o êxodo dos flagelados para as zonas úmidas, só porque isso iria diminuir o censo e, portanto, prejudicar, a representação política... Vi muita preocupação de que a União não visse nada, e que só visse e ouvisse os poderosos da terra... Não, não me conformo. Isso não pode continuar.

É certo que não podemos deixar as coisas como estão; é certo que precisamos corrigir os desvios e distorções, erros de cálculo e perspectiva, mas não podemos pulverizar recursos.

Decidi, então, fortalecer a agricultura nordestina, para torná-la resistente, às secas, empenhando recursos substanciais, até de origem externa, em programas de irrigação em áreas selecionadas. Decidi canalizar, também, consideráveis recursos de incentivos fiscais para a execução de projetos agrícolas... Decidi incentivar a programação de colonização em zonas úmidas do Nordeste, do Maranhão, do Sul do Pará, do Vale do São Francisco e do Planalto Central...

Ao fim desta viagem de retorno... quero dizer ao povo do Nordeste, que não lhe prometo nada... Só digo é que tudo isso tem de começar a mudar.

E hoje, nesta cidade do Recife, perante governadores e ministros, pensando no povo, particularmente no povo nordestino, quero dizer que não me sinto com poderes e dons para fazer milagres, mas tenho firmeza, confiança e decisão, para proclamar à nação inteira que, com a ajuda de todos os brasileiros e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal — haverá de mudar".

Aí está a palavra do Chefe da Nação. Palavra clara, sincera, candente.

Ela veio em boa hora. Veio mostrar a todo o Brasil que os que reclamavam mudanças no Nordeste estavam com razão. Agora, com o Presidente Emílio Garrastazu Médici à frente, "TUDO ISSO TEM DE COMEÇAR A MUDAR".

# Os Seminários se Transformam

Os centros de formação sacerdotal e os seminários atravessaram, nos últimos anos, uma fase de transformação profunda para se adaptarem às novas condições da Igreja e do mundo. Houve uma seleção notável de seminários, com sua consequente redução em número. Há também a realização de experiências novas, que tornaram a formação sacerdotal mais próxima dos anseios do Povo de Deus e da ação pastoral.

As novas diretrizes para a formação do clero, emendas da Santa Sé, em base à colaboração com todas as conferências e

piscopais, foram objeto de estudo da nossa assembléia. Elas reconhecem os seminários como comunidades de formação, que se devem empenhar em preparar presbíteros de tempo integral e que, livremente, assumem, também, de maneira adulta, sua disponibilidade pelo celibato.

Uma adequada adaptação dos seminários à realidade pastoral é postulada por essas mesmas normas. E aqui se situou nosso trabalho: concretizar, por um lado, orientações gerais que passarão a vigorar em âmbito nacional e, por outro, dire-

trizes especiais que ajudem a seguir e avaliar as atuais experiências. De fato, várias dioceses, a formação de futuros presbíteros é organizada em vista do meio para o qual se destinam, preparando-os para a realidade rural, urbana, industrial, missionária.

Neste contexto, permanece a necessidade de que a Igreja descubra e suscite entre crianças, jovens e adultos vocações sacerdotais ministeriais, testemunhando a atualidade de seu valor inestimável de serviço à comunidade cristã e de integral dedicação a Deus. (7). Nisto, cabe à família uma

insubstituível missão, que conta entre as mais altas responsabilidades de um lar cristão.

Queremos agradecer e ressaltar aqui o esforço vocacional de organizações leigas ou não que souberam servir no passado e prestam no presente, auxílio válido na Pastoral de Conjunto em várias dioceses e regiões. Frisamos também a importância da integração pastoral e do apoio a toda esta preocupação vocacional, por parte dos organismos que promovem especificamente a Vida Religiosa Consagrada, em âmbito nacional, regional ou diocesano.

## Como Funcionará no Futuro a CNBB?

Um dos pontos centrais desta assembléia foi a reforma do Estatuto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que assim passa por uma profunda reestruturação. A CNBB reúne os Bispos todos do país para estudarem juntos os assuntos da Igreja em nossa terra, elaborando e executando, em conjunto eficiente, Planos Pastorais, em benefício da vida e religião católica do Povo de Deus, em todo o território nacional.

A CNBB existe há dezoito anos. Com o Concílio Vaticano II, no entanto, despertou de forma bem mais viva a consciência da colegialidade Episcopal, isto é, da corresponsabilidade que juntos assumimos por todas as dioceses do Brasil.

Como expressão de nossa comum solicitude pastoral, elaboramos o Primeiro Plano Quinquenal de Pastoral de Conjunto que, neste ano, chega ao seu término.

As modificações que a nova Assembléia introduzimos na estrutura da CNBB, através da reforma do Estatuto visam em

primeiro lugar tornar mais eficiente e ação comum das novas etapas do nosso planejamento pastoral.

Desde o início, os Presbíteros, fiéis à sua missão, foram colaboradores assíduos da Conferência Nacional dos Bispos, assessorando-nos na elaboração dos Planos e executando tarefas apostólicas. A Assembléia Geral de 1969 estudou a fundo o tema "PRESBITEROS", permitindo-nos encontrar a fórmula de participação deles da CNBB, também em força do Estatuto, como colaboradores, através do Conselho Presbiteral Nacional. Pela nova legislação ainda, os Religiosos e Leigos serão também considerados participantes. Torna-se assim mais rico, em serviços e dons, todo o organismo que outra coisa não quer senão servir ao Povo de Deus e obedecer à ação do Espírito, em favor da Igreja.

Para atender aos valores e às condições peculiares de nosso imenso território, impunha-se a descentralização. As 14

Regiões Pastorais em que se divide o país passam doravante a ter maior importância e autonomia. Podem estruturar-se de acordo com as opções e conveniências próprias. Por meio de um ou mais Bispos, virão a participar da Comissão Representativa, assumindo assim a responsabilidade comum pela vida de toda a Igreja no Brasil.

Com o intuito de garantir maior organicidade aos nossos trabalhos, a CNBB será regida pela Presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral. As grandes linhas um Bispo Coordenador, que agirá em harmonia com os responsáveis pelas demais linhas da Pastoral de Conjunto.

Baseada em sua longa experiência, a CNBB tenta criar assim um Estatuto que seja, a um tempo, simples e eficiente, adaptado a um país imenso, que clama certamente por uma ação apostólica sempre mais integrada.

Uma vez recebida a aprovação da Santa Sé, nosso Estatuto entrará em vigor em 1971. Desde agora, porém, queremos comunicar aos nossos irmãos as principais orientações e inovações que ele contém, mas sobretudo o espírito que o inspirou. Expressimos, também, assim, quanto nos é cara a CNBB e quanto desejamos que ela se aperfeiçoe sempre, como verdadeira expressão e instrumento de nossa unidade.

### IRMÃOS PEIXOTO S. A.

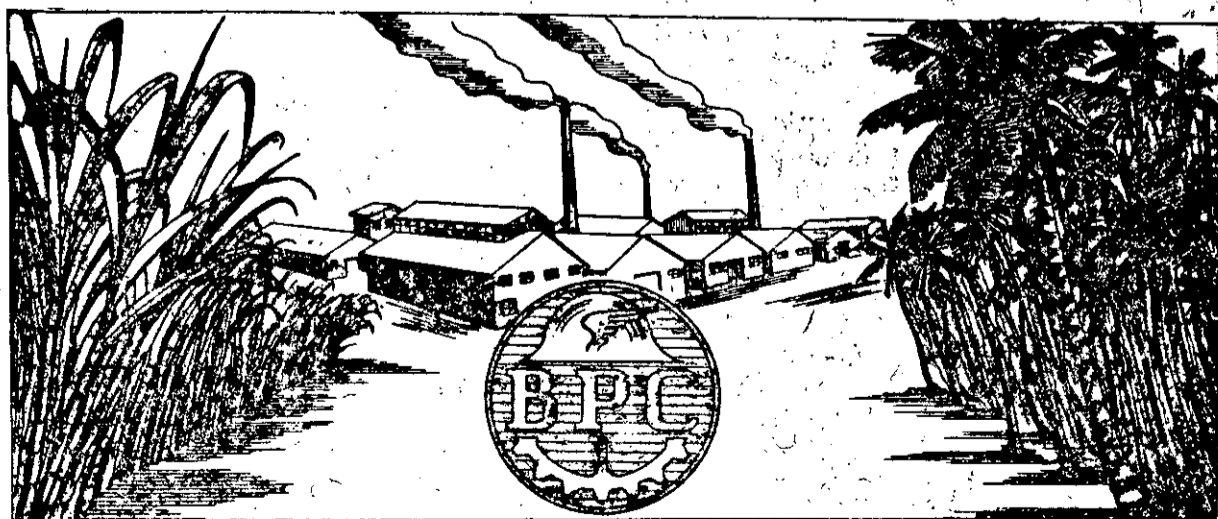
VEÍCULOS E ACCESSÓRIOS

Concessionários da WILLYS OVERLAND DO

BRASIL EM PENEDO — ALAGOAS

Rua São Miguel, 59

### BANCO DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO S. A.



Um Banco Sergipano às suas Ordens

AGÊNCIAS

MATRIZ

Rua João Pessoa - 274

Aracaju - Se.

Av. Aug. Maynard - 158  
Propriá - Se.

Largo de Sto. Antônio, 1  
Itabaiana - Se.

Av. Coronel Lóiola, 1  
Simão Dias - Se.

Praça da Matriz, s/n  
Estância - Se.

Av. 7 de Junho, 309  
Tobias Barreto - Se.

# Pastores e Leigos, Somos todos iguais

## O Que Pensam os Bispos da Situação do Brasil

Uma decisão de nossa última Assembléia, em 1969, permitiu-nos ter uma presença ativa de leigos no meio da Assembléia Geral de Brasília, num tríduo consagrado à reflexão sobre a teologia dos leigos e sua ação específica no mundo. Quase trinta leigos, homens e mulheres, pensaram, rezaram, confrontaram conosco suas experiências e convicções, suas preocupações, críticas e apreensões. Numa expressão rica de testemunho e espontaneidade, deram-nos, com liberdade plena, sugestões e indicações para uma valorização nova na Igreja do Brasil, da específica ação do leigo.

Este tríduo doutrinal deu-nos ocasião de aprofundar-nos em pontos fundamentais da teologia do laicato, pontos que o Novo Testamento e a mais antiga reflexão da Igreja claramente firmaram, que a teologia tradicional desenvolveu, mas que foram especialmente elaborados por teólogos contemporâneos e pelo Vaticano II. Entre esses pontos, são certamente relevantes os seguintes:

— Na Igreja de Cristo, Povo de Deus da Nova Aliança, somos todos fundamentalmente iguais, pela vocação cristã e pela graça do batismo, pelo destino comum e como membros fraternos da mesma comunidade eclesial (8). Neste sentido, leigos e pastores têm uma correspondência na Igreja, a fim de edificá-la como claro sinal sacramental da unidade dos homens entre si e da comunhão da Humanidade com Deus (9).

Fundamentalmente iguais, Pastores e Leigos se distinguem, no entanto, pelo serviço, que prestam, na Igreja: por sua missão e por seu ministério. Os pastores são revestidos do poder sagrado pelo sacramento da Ordem. Pelo a-

núncio da Palavra, pelo ministério dos sacramentos, pelo pastoreio, devem conduzir de tal modo os fiéis, que todos possam cooperar na obra comum (10). Os leigos são chamados a viver sua existência evangélica em pleno mundo. Aí dão testemunho de sua vocação cristã. Conhecendo e amando o mundo, e o mundo Deus o conhece e ama, eles o assumem para torná-lo permeável. Em tudo, ao fermento do Evangelho. Essa é a missão característica do leigo (11).

No exercício deste ministério, o leigo também recebe a ação da força do Espírito. Goza de uma clarividência espiritual, capacidade especial que a fé lhe comunica, de conhecer os acontecimentos e a própria História, os homens e as coisas, no dinamismo mais amplo do Reino de Deus. Esta visão de fé lhe proporciona uma possibilidade de "julgar" evangélicamente o mundo, no qual estará presente, como a gente da História, solidário com todos os homens de boa vontade, para levar a Humanidade à sua plenitude em Deus, por Jesus Cristo. No exercício desse ministério, o leigo goza de uma autonomia, que o põe em leal convergência com os seus pastores, na humildade da obediência ao Espírito (12). Deste convívio e ação comum surgirá, em grande parte, o Reino de Deus (13).

O leigo serve ao mundo em que assume as tarefas que o constroem, sem detrimento de seus valores, é capaz de inserir-se no dinamismo do Reino de Deus. Ele proclama sua fé, evangeliza o mundo, enquanto procura uma resposta cristã para as angústias do problema do homem: a fome e o trabalho, a violência e a dor, a família e a educação. Pela doação de uma sua vida à causa da

justiça e da paz, do respeito à pessoa e da promoção do homem, ele afirma, na esperança, a certeza de um mundo melhor (14).

Com seus talentos e seu esforço, pela palavra e testemunho, é e serve também à Igreja. Colabora para que ela seja de fato a grande comunidade de salvação. Pela catequese, transmite a Palavra de Deus. Pela liturgia, santifica-se na oração e integra o povo que reza. Pela missão, revela o mistério de Cristo. Pelo espírito ecumênico, alicerça a unidade. Pela comunhão em seus Pastores, abre novos caminhos ao Evangelho (15).

Esta teologia refletida em comum por nós, com os leigos presentes, levou-nos a firmar convicções e a assumir compromissos pastorais. Destacamos aqui alguns por seu alcance prático.

Pareceu-nos a muitos que consolidar na educação da fé, teologicamente esclarecida, os leigos do Brasil, é vir de encontro a uma de suas grandes aspirações. Adultos na vida e na profissão, eles querem ser adultos como isto exige de nós disponibilidade para reflexão em comum, abertura a uma ampla pastoral de massas e a uma adequada pastoral de eleitos, fundada numa sólida evangelização e catequese e fecundada por uma liturgia vital (16).

Reconhecemos que uma faixa especial do mundo leigo está a exigir mais urgência de uma pastoral peculiar: a juventude. Numerosos, influentes, expressivos, os jovens, no Brasil, podem pedir-nos, com razão, maior presença junto a eles. Com expressiva votação, decidimos retomar uma série de atividades em ordem à valorização da juventude de todos os meios sociais na vida e ação da Igreja (17).

Como todos os brasileiros, tomamos conhecimento da declaração do Exmo. Sr. Presidente da República e do Exmo. Sr. Ministro da Justiça, sobre o problema tão agitado dentro e fora do país, das prisões políticas e das torturas (21).

Compreendemos que não é fácil definir linhas de atitude e de ação numa situação tão complexa como a que vive o Brasil, situação reconhecida pelo próprio Governo como de exceção (22), na qual impera também o clima de tensões e insegurança em que vive o mundo atual.

Não podemos admitir as lamentáveis manifestações de violências, traduzidas na forma de assaltos, sequestros, mortes ou quaisquer outras modalidades de terror. Elas são uma forma de torturar o povo e, certamente, não são expressão da vontade do povo brasileiro. Pelo contrário, acabam por prejudicá-lo seriamente no seu esforço de desenvolvimento, de promoção integral e da solução adequada dos seus problemas reais (23).

Como Pastores, responsáveis por uma missão evangelizadora, seria fugir ao nosso dever não nos manifestarmos sobre aspectos fundamentais da nossa realidade atual que, certamente, afetam a PESSOA HUMANA.

Pensamos primeiramente no exercício da JUSTIÇA, regulamentado, sim, e tutelado por nossas leis, mas que, sinceramente, cremos estar sendo violentado, com frequência, por processos levados a moeda e precariamente, por detenções

efetuadas em base a suspeitos ou acusações precipitadas, por inquéritos instaurados e levados adiante por vários meses, em regime de incomunicabilidade das pessoas e em carência, não raro, do fundamental direito de defesa (24).

Por outro lado, é notório que, apesar dos desmentidos, há bem viva na consciência da nossa população e muito difundida na opinião pública internacional, a convicção de que é relevante a incidência dos casos de tortura no Brasil.

Foge à nossa competência comprovar juridicamente a procedência de denúncias que, de um modo ou de outro, se difunde aqui e no exterior, e chegamos também ao nosso conhecimento. Caberá ao próprio Governo, no interesse do nome do Brasil, investigar a fundo o problema, em ordem a eliminar, por um lado, o peso de desprestígio que tais denúncias acarretam ao país no plano internacional e, por outro, a tranquilizar fundamentalmente a família brasileira. Estamos certos de que, se comprovados tais fatos, dificilmente poderíamos corresponder a uma orientação oficial do Governo, que reputamos forte para reprimilos com decisão, em nome da consciência nacional.

Mas, em força mesma de nossa missão apostólica, seriamos omissos se não frisássemos, neste momento, nossa posição firme contra toda e qualquer espécie de tortura, física ou psíquica, onde quer que ela se manifestasse, no Brasil ou em qualquer outro país do Mundo.

Não desconhecemos que, em outros tempos e contextos culturais e sociais, se tenha admitido a legitimidade da tortura.

Todavia, o próprio amadurecimento da consciência do HOMEM no tempo, que se deve traduzir no progressivo aprimorar-se de seu comportamento em face de Deus e dos homens, leva-nos hoje a defender como uma conquista da Humanidade a repulsa total ao emprego da tortura de uma pessoa humana (25).

Esta conquista tem suas raízes na descoberta psicológica da complexidade de que se reveste a liberdade humana e, por outro lado, no aprofundamento evangélico do sentido de respeito à PESSOA, sempre mas com muito mais razão, quando não comprovada ainda a sua culpabilidade.

Cabe, por certo, ao Poder Público, promover e zelar o bem comum e a ordem social. As manifestações de violência por parte de elementos que subvertem a ordem não podem ser nem aprovadas, nem toleradas. Mas é necessário que não se permita que a violência se responda também com a violência, porque então se instaura uma escalada insustentável de guerra interior, cuja vítima principal é o povo, presa constante da insegurança, da desconfiança, da perplexidade. É o que estamos vendo, aliás, em escala mundial, nos focos crônicos de guerras localizadas, cuja solução parece cada vez mais remota (26).

## Em primeiro plano colocar o homem

Cremos que o Governo empenhado, hoje, num marcado esforço pelo desenvolvimento, com resultados já palpáveis sobretudo no campo financeiro-econômico, administrativo, no campo dos transportes, da energia, das comunicações e da habitação, deve valorizar com urgência os elementos básicos de uma POLÍTICA HUMANA (27). Somos testemunhas da situação trágica em que vive boa parte da população, sobretudo no interior, no meio rural e na periferia das grandes cidades, pelo índice irrisório dos salários e pelo baixo poder aquisitivo de dinheiro.

Nada tão fundamental na perspectiva de um desenvolvimento integral como colocar o HOMEM em primeiro plano, possibilitando-lhe, ao lado do progresso técnico, uma descoberta de seu valor como PESSOA (28). O desenvolvimento tecnológico tem que ser alicerçado neste desenvolvimento pleno do homem e por ele vivificado, sob pena de termos uma nação esterilizada e esvaziada do melhor de seus valores. A falta desta presença do HOMEM no horizonte dos planejamentos globais pode levar à trituração da PESSOA pela máquina do Estado ou da Economia, concepção tão inaceitável da sociedade quanto o são aquelas que se pretendem evitadas.

Isto implica a ênfase urgente numa reforma agrária eficaz e imediata, nos problemas da

responsabilidades públicas. Uma das tarefas primordiais, por certo, de quantos participam da edificação da nação brasileira é colaborar eficazmente para o amadurecimento cívico e moral de nosso povo, de modo a permitir-lhe uma participação efetiva e esclarecida, orgânica e subsidiária, na ordem política, econômica, social (29). Isto pressupõe também a manifestação construtiva e veraz de opiniões, mesmo quando em contraste com a orientação vigente, adquirindo en-

tão o cunho de uma oposição séria, dado inquestionável de uma nação que se pretende adulta.

Parece-nos de capital importância distinguir entre a oposição, solapadora da paz e do convívio social, pelo emprego sistemático da violência, de um lado, e, de outro, a discrepância que, a partir de outros critérios e princípios, vem a ser elemento crítico indis-

(continua na página seguinte)

## É Necessário Manter um Diálogo Construtivo

O ponto alto, porém, dessa jornada foi o grande passo dado, no sentido de aproximação entre nós, Bispos e Leigos. Sabemos que essa comunhão, se amadurecida no mútuo conhecimento e diálogo, quebrando barreiras e soldando roturas, será o melhor caminho para uma participação corresponsável e consciente dos leigos na Igreja. Que ela possa concretizar-se em organismos permanentes de diálogo, em nível local e regional, e, posteriormente, em âmbito nacional, é o nosso voto. Sem precipitações, mas dedicadamente, pensamos que o Secretariado do Apostolado dos Leigos para preparar a concretização, um dia, da assembléia nacional dos leigos do Brasil.

A instauração, nas dioceses, do Conselho de Pastoral (18), a presença também de leigos, já prevista e recomendada pelo Concílio Vaticano II, será uma etapa a mais em ordem à realização, na Igreja, desta comunhão almejada. Nesta pers-

terminação pastoral de estar, lado a lado, com os nossos leigos, sobretudo, quando seus compromissos assumidos com a Igreja e com os homens, trouxeram também a marca da cobardia ou da luta interior, da calúnia e da perseguição (19). Sabemos apoiá-los, corrigi-los, se necessário, confortá-los, defendê-los.

Aflige-nos sobremaneira a crise que pesa, hoje, sobre inúmeros leigos. É o reflexo nêtes da crise no mundo e na Igreja (20). Daí a insegurança de muitos, a agressividade e contestação de tantos, a queixa, o cansaço e desencanto de um grande número de leigos que, por muitos anos, talvez, tenham dado muito de si em fidelidade e dedicação.

A variedade de situações sócio-culturais, profissionais e até mesmo geográficas, em que estão imersos os leigos, por sua inserção no mundo, condiciona e fundamenta um pluralismo. Ele é riqueza na unidade da fé e prova da

sões e ameaças à comunhão, se a intolerância e impaciência, o sectarismo e a radicalização tentaram transformar este valor de faceta múltipla em estéril e pobre uniformidade.

Fiéis à nossa missão de promover a comunhão, apelamos para os nossos irmãos leigos, no sentido de que saibam pelo mútuo respeito à liberdade, pela longanimidade e caridade autêntica, transformar em diálogo construtivo, os atritos gerados pelo confronto de suas opções e intgerar, na comunhão, o que poderia vir a ser semente de dispersão.

Ao agradecermos aos leigos vindos de diversas regiões do Brasil e tão representativas de todas as áreas de nosso povo, sua presença atuante entre nós, queremos que saibam quão frutuosa foi a experiência que com eles vivemos esses dias. Estamos certos de que feciarão, em nossas vidas, como impulso fecundo para maior trabalho sob a ação do Espírito Santo, na edificação

### CASA SOUZA

PIONEIRA DO COMÉRCIO NEOPOLITANO

Venda em grosso e a varejo, a vista e a longo prazo.

Tudo para V. Sa. e seu lar — Aparelhos domésticos, louças, vidros, rádios, máquinas de costura "VIGORELLI" e "LEONAN". — Perfumes, doces, conservas, bebidas, biscoitos, produtos farmacêuticos e muitas notáveis originalidades, sendo ainda

CONCESSIONÁRIA DA SERGIPE GÁS. Preços, visando a lucro honesto.

Sua casa e sua bolsa ditam: NÃO PENSE, PEÇA!

Não passe, sem parar, não pare, sem entrar, não entre, sem comprar, não compre, sem pagar!

MATRIZ — Praça General Valadão, 205 — Fone 401.

FILIAL — com estoque de calçados, tecidos e artigos de armário — Rua Batista Gomes, 96. End. Tel. JOBEZA.

# Em primeiro plano colocar o homem É Cristo quem orienta a marcha do povo de Deus

(Continuação da Página anterior)

responsável ao aperfeiçoar-se de toda instituição humana (30). Aquela pode aplicar-se o conceito de subversão. A esta, no interesse mesmo do bem comum e da ordem social, deve dar-se condição de expressar-se e apresentar a motivação que lhe alicerça as posições. Neste sentido a Igreja no Brasil de hoje, se, por uma parte, reconhece realizações inegáveis, por outra, com dignidade e lealdade, julga poder divergir de algumas orientações ou posições do Governo.

Não ignoramos que indivíduos ou grupos, cujas intenções não nós toça julgar, partindo de opções pessoais, têm desvirtuado a posição da Igreja. Há os que rejeitam tácita ou explicitamente documentos de peso, emitidos com responsabilidade e seriedade pela Igreja, como os Documentos do Concílio Vaticano II e os da Assembléia Episcopal Latino-Americana de Medellín, postulando uma retração da Igreja quanto a vários elementos de sua renovação o que a distancia sempre mais do mundo em que vivemos. Há também os que exacerbam em radicalizações os mesmos docu-

mentos. Respaldados em uma pretendida posição da Igreja, extrapolam as legítimas preocupações sociais da Igreja sobre direitos humanos, função social da propriedade, revisão da função capital-trabalho, tentando manifestá-las ou implantá-las dentro de perspectivas ideológicas em contraste inclusive com a inspiração fundamental e a orientação constante da mesma Igreja.

Repelimos com firmeza e serenidade a imputação feita à Igreja, de modo generalizado, de ser ela no Brasil ou a detentora de uma posição fixista e insensível aos problemas do mundo ou, pelo contrário, um incentivo à subversão.

Queremos confortar e estimular aqueles que, com sacrifícios e incompreensões, de dentro e de fora da Igreja, resistem à tentação ou à pressão dos dois extremos e buscam lealmente servir a Deus e ao Brasil, sensíveis os anseios fundamentais do homem brasileiro e fiéis à orientação da Igreja.

Estamos persuadidos de que só num clima de verdade e de maturidade se poderá chegar a um relacionamento adulto entre a Igreja e o Poder Público. O aprimoramento, de uma política global, na qual o HO-

MEM seja o centro dos objetivos e preocupações, deve corresponder a uma das tarefas fundamentais e específicas dos leigos católicos que integram os quadros do Governo, os órgãos técnicos de planejamento e execução, os estabelecimentos de produção. É a missão da Igreja que lhes incumbe, por força mesmo de seu BATISMO, enquanto eles são Igreja e responsabilizados, portanto, no mundo, pela salvação e promoção do HOMEM (31).

Não queremos concluir este tópico de nosso documento sem um aceno ao problema do índio no Brasil.

Em nome da verdade e da justiça, apoiados também, no testemunho dos 40 Prelados Missionários da Região Amazônica, presentes à nossa Assembléia, repudiamos a campanha em que em outros países se promoveu contra o Brasil, acusando-o de genocídio e etnocídio do índio.

Em ordem ao pleno desenvolvimento do povo brasileiro, desejamos somar nossas vozes às daqueles que se têm dedicado à promoção do homem índio no Brasil, dentro do respeito aos seus costumes e tradições em vista de uma integração gradual e pedagógica à civilização.

Um documento é sempre pobre diante da riqueza humana e temática do encontro da que ele partiu.

A XI Assembléia Geral da CNBB em Brasília ocupou-se com outros assuntos que aqui não consignamos. Sublinhamos particularmente o tema LITURGIA, constante solicitude da Igreja, pela necessária adaptação que exige à mente e ao coração do nosso povo. Também os MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, vistos como o grande meio de aproximação entre os homens. Exigem, por certo, técnica e linguagem própria, para que se tornem também válidos portadores do Evangelho, num momento sobretudo em que esta força, potencialmente construtiva de educação e cultura, parece ser minada em tantas partes por uma reprovável onda de disso-

lução, que atenta contra a família e desfibra a juventude.

Levamos ainda adiante a reflexão sobre vários aspectos do tema PRESBITEROS, objeto central da X Assembléia Geral, em São Paulo, no ano passado, e que se deve ir concretizando sempre mais, de acordo com as reflexões e sugestões que nos chegam dos próprios sacerdotes de todo o Brasil.

E, assim, outros pontos. Elencá-los todos, levar-nos-ia muito longe.

O que, sim, queremos frisar é o clima de serenidade e união, de realismo e de confiança em que nos movemos nesses dias. Isto redonda certamente da mesma CARIDADE e Fé que nos une, da mesma solicitude pastoral que, apesar dos inevitáveis discre-

pâncias neste ou naquela enfoque da missão apostólica, se faz tarefa comum e solícita, unânime.

Os temas foram analisados com sincera objetividade, como atestam, de resto, as páginas deste Documento Pastoral.

A Igreja é consciente do momento histórico em que vive hoje. Sua aproximação maior ao mundo fé-la sentir mais de perto a trepidação e instabilidade que o caracterizam. Mas a Igreja sabe, que por sua própria missão, incabe ser no mundo sinal de algo que o deve ultrapassar. E é à luz dessa fé, e pela força de Jesus Cristo nela, que sua marcha prosseguirá sobre os caminhos da História, orientada, porém, pelo Senhor, que transcende.

Brasília, 27 de maio de 1970

## Festa do Santo Cruzeiro em Canhoba

Durante quatro dias, a cidade de Canhoba se movimentou em homenagem ao Santo Cruzeiro. No primeiro dia de preparação à festa, a Professora Eliaci lançou, pelos altos falantes da Prefeitura, uma mensagem à comunidade que deu o tom à festa toda: "Que o Santo Cruzeiro em nome do Senhor, dê forças e coragem a todos os Canhobenses para

a construção de uma comunidade fraternal. Pedicamos em nome do Senhor, que nos mandou dominar a terra pelo trabalho de nossas mãos, inteligentes e corações, que nos faça viver a nossa vocação de colaboradores de sua criação, a fim de que possamos colocar sobre a mesa fraterna o pão de que todos precisamos. Olhem que já passaram 3 fases, antiga, média, mo-

derna e agora a contemporânea. Vejam a mudança da política administrativa do nosso país. A mudança do ensino em todos os estados-membros do nosso país. Assim devemos aceitar a mudança do Papa. Devemos marchar para frente e não ficar marcando o passo para trás. — Vejam que o Senhor não aceitou que Lázaro, o seu amigo morresse. Ele o ressuscitou.

Fêz por ele algo que era como que impossível. Tencemos também nós um amor que tente o impossível por nossos irmãos, que não aceitemos que morram de fome, de frio, de isolamento, de falta de consideração, de desprezo... Tentemos e a r presentes e agir para que não pereçam." Dois acontecimentos marcaram a festa. A idéia foi sugerida de fazer uma procissão com o Santo Cruzeiro primitivo, o de 1910, que estava abandonado contra um muro de cemitério. A Comunidade toda acompanhou a procissão nas ruas, cantando o convite "Vinde pais e vinde mães, vinde todos os cristãos, para viver como irmãos e alcançar a Salvação." Uma parte dos dons ao Santo Cruzeiro, (uma importância de Cr\$ 150,00) foram oferecidos, este ano, para pessoas necessitadas da Comunidade. Assim, ao encerrar as festividades, realizou-se um sorteio. Das 19 famílias que moram em rancho de palha, dona Maria da Conceição teve a felicidade de ser sorteada. Isso lhe deu o direito de receber madeira e telhas para renovar o telhado de sua casa.

Esses dias, parecidos aos de uma santa missão ao dizer de muitas pessoas, está de parabéns por sua vida fraterna que vem se desenvolvendo e crescendo, com a colaboração de todos. — Pe. Nestor

### RESULTADO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE — 1970

|                         |             |        |
|-------------------------|-------------|--------|
| Aquidabã                | renda total | 330,09 |
| Brejo Grande            | renda total | 21,50  |
| Canhoba                 | renda total | 61,76  |
| Cedro de São João       | renda total |        |
| Gararu                  | renda total | 136,00 |
| Lourdes                 |             | 113,00 |
| Itabi                   |             | 251    |
| Japarutuba              |             | 500,00 |
| Japoatã                 |             | 155,00 |
| Muribeca                |             |        |
| Neópolis                |             | 336,70 |
| Nossa Senhora da Glória |             | 204,00 |
| Pôrto da Folha          |             | 150,00 |
| Propriá                 |             | 922,30 |
| São Miguel              |             |        |

A Campanha foi dividida segundo os critérios do Nacional:

- 45% para Paróquia
- 35% para Diocese
- 10% para Regional de Salvador
- 10% para C.N.B.B. — Rio de Janeiro

Diocese : Cr\$ 976,08  
Nacional : Cr\$ 278,88  
Regional : Cr\$ 278,88

D. José, juntamente os Padres, decidiu que a parte que coube a Diocese, servirá para organizar cursos de "enfermeiras de emergência", em convênio com o Hospital São Vicente de Paulo de Propriá. Uma pessoa, a escola do Vigário das paróquias que participaram da Campanha, poderá tomar parte nesse curso.

Em nome dos doentes que serão cuidados pelas "enfermeiras de emergência" no Interior das paróquias, vão aí os agradecimentos para as pessoas que colaboraram da C.F. 70.

Pe. Nestor — Coordenador

## A Renda do Nordeste é Muito Baixa Ainda

Indagado acerca dos incentivos fiscais e de sua relevância na atual fase do desenvolvimento nordestino, afirmou o Presidente do BNB, economista Rubens Costa, que os incentivos são de importância fundamental. E acrescentou: "Os incentivos fiscais do Nordeste, pelo êxito que vêm alcançando, devem ser mantidos até que a renda 'per capita' do nordestino se aproxime substancialmente da renda 'per capita' do brasileiro, pois só então estará a Região em condições de dispensar a

ajuda, do resto do País e de prosseguir no processo de desenvolvimento auto-sustentável que os incentivos fiscais ajudarão a deslanchar, se mantidos por período prudente e adequado".

Na defesa da tese de que os incentivos são necessários ao processo de desenvolvimento da Região, o renomado economista afirmou: "A renda do nordestino que era cerca de 40% da renda 'per capita' do brasileiro em meados da década de 1950, elevou-se a quase 50% em fins da década de

1960. Não se pode negar o êxito do programa, embora esta Região continue sendo a mais populosa e mais extensa área do mundo ocidental com renda 'per capita' inferior a US\$ 200 por ano (Cr\$ 75,00 por mês, aproximadamente).

Reitera, assim, o Presidente do BNB os termos de várias entrevistas que concedeu e de diversos trabalhos e artigos que publicou, defendendo com conhecimento de causa a manutenção dos incentivos para o Nordeste. (BNB)

SUBA MAIS UM DEGRAU COM O

## Banco de Crédito Sergipense S. A.

TRADIÇÃO E DINAMISMO A SERVIÇO DE SERGIPE  
RAPIDEZ E SEGURANÇA NO ATENDIMENTO AO CLIENTE  
AGÊNCIA PRÓPRIA --- Av. TAVARES DE LIRA --- PRÓPRIA -- SERGIPE